

A PANDEMIA DOS INCAUTOS: UM ENSAIO SOBRE A INCREDULIDADE HUMANA

Paulo Fernando Macieira Peixoto Filho¹

RESUMO

O presente artigo é um convite à reflexão acerca do comportamento humano em tempos de incertezas. Para tanto traça reflexões que ajudem na compreensão do fenômeno da negação e da incredulidade do homem frente a uma ameaça que vem assolando a civilização na história recente, ancorado sobre dados e conceitos fundamentais da arte, epidemiologia, psicanálise, filosofia e literatura. Descortina de forma cuidadosa revelando o negativo da pandemia dos incautos que se evidencia em escala na mórbida contemporaneidade. As linhas a partir de agora tecidas refletem reflexões resultantes de certa maturidade clínica, tendo como anteparo os últimos meses de pandemia que vem assolando todos os recônditos habitáveis pelo ser humano na face da terra. Todavia pela necessidade metodológica para tessitura dos respectivos constructos obtidos a partir de observações de vivências pessoais e comunitárias torna-se necessário certo reducionismo do objeto de estudo a fim de dar maior enfoque a uma realidade mais amiúde e mais próxima de todos nós. Para tanto precisamos esclarecer que a clínica que aqui nos permite a sustentação do pensamento crítico, nos remete as suas origens. Na etimologia da palavra, vem do grego “*klinicos*”, que significa o ofício de um debruçar-se sobre algo, alguém ou alguma coisa. Desta feita, todo o arcabouço delineado aqui será não somente fruto das observações de nosso mórbido cotidiano, como também de elementos contidos na cultura e áreas do conhecimento como epidemiologia, filosofia e a psicanálise, que aqui nos oferecem um solo profícuo a proposta em questão.

PALAVRAS- CHAVE: Pandemia, Incautos, Comportamento Humano.

1-Psicólogo Clínico de Orientação Analítica. Especialista em Saúde Mental e Justiça. Especialista em Psicomotricidade. Apoiador Formador de Política Nacional de Humanização do SUS no Estado do Pará. Contatos: (91)987175438. e-mail: paulopeixotofilho@hotmail.com

ABSTRACT

This article is an invitation to reflect on human behavior in times of uncertainty. To this end, it draws reflections that help in understanding the phenomenon of man's denial and incredulity in the face of a threat that has been plaguing civilization in recent history, anchored on fundamental data and concepts of art, epidemiology, psychoanalysis, philosophy and literature. It carefully reveals the negative of the unwary's pandemic that is evident in scale in the morbid contemporaneity. The lines now woven reflect reflections resulting from a certain clinical maturity, having as a screen the last months of the pandemic that has been plaguing all habitable recesses by the human being on the face of the earth. However, due to the methodological need to weave the respective constructs obtained from observations of personal and community experiences, it is necessary to reduce the object of study in order to focus more on a reality that is more often and closer to all of us. For that, we need to clarify that the clinic that allows us to sustain critical thinking, reminds us of its origins. In the etymology of the word, it comes from the Greek "*klinicos*", which means the office of addressing something, someone or something. This time, the whole framework outlined here will not only be the result of the observations of our morbid daily life, but also of elements contained in culture and areas of knowledge such as epidemiology, philosophy and psychoanalysis, which here offer us a fruitful ground for the proposal in question.

KEYWORDS: Pandemic, Incaustos, Human Behavior.

INTRODUÇÃO



Figura 1: Dúvida de Tomé, 1599, óleo sobre tela, 107 x 146 cm, Caravaggio, Stiftung Schlösser und. Gärten Postdam-Sanssouci, Postdam, Alemanha.

O óleo sobre tela que ilustra o presente texto é de autoria do pintor Michelangelo Merisi, conhecido como Caravaggio, que nasceu dia 29 de Setembro de 1571, na cidade de Porto Ercole, na comuna de Monte Argentário, Itália. Caravaggio foi um dos maiores artistas do barroco italiano que viveu no século XVI. Dono de uma personalidade forte e um estilo extravagante, grande parte de sua obra chocou a sociedade. Sua pintura foi considerada revolucionária para a época, seja nas técnicas utilizadas, seja nas pessoas retratadas. (MARTINS, Simone. 2017, disponível em: www.historiadasartes.com).

A pintura que funciona como pano de fundo retrata o momento em que logo após a crucificação, São Tomé toca as chagas de Cristo para verificar se são reais. A cabeça de Cristo e dos três apóstolos são o foco da composição. O momento é intenso. Os apóstolos olham para São Tomé que, com a testa profundamente sulcada, mergulha seu dedo no flanco de Cristo.

Segundo a autora, o drama deste chocante detalhe é intensificado pelo contraste gritante da luz e das sombras escuras (efeito conhecido como *chiaroscuro*); o fundo está ausente. Caravaggio tornou-se famoso por seu grande realismo e sua recusa à idealização, abordagem revolucionária para a época.

Com frequência utilizava tipos camponeses rudes como modelos para seus apóstolos, e diz-se até que pintou uma de suas Virgens a partir de uma prostituta afogada, retirada do rio Tibre. Apesar de sua reputação pessoal, pois tinha atritos frequentes com as autoridades, pode-se dizer que Caravaggio, sozinho, praticamente revolucionou a arte e até hoje sua pintura tem o poder de nos surpreender. (MARTINS, Simone. 2017, disponível em: www.historiadasartes.com).

A obra de arte é intitulada como “A dúvida de Tomé”, sendo que este foi um dos discípulos de Cristo, cuja incredulidade apresentada na Bíblia quando da ressurreição de Jesus após sua crucificação é um dos marcos do pensamento religioso contido no novo testamento. (MARTINS, Simone. 2017, disponível em: www.historiadasartes.com).

Aqui fica registrado que não há qualquer intenção de emaranhar os fios condutores da presente reflexão pelos caminhos da fé, mas, sobretudo, apenas e tão somente nos utilizar dessa passagem para ilustrar que a incredulidade está presente ao longo da história das relações sociais do homem e que tais registros mesmo sendo bíblicos também contêm elementos antropológicos relevantes para a análise em curso.

A PANDEMIA DOS INCAUTOS

O título aqui cunhado de A Pandemia dos Incautos, revela o negativo do comportamento da sociedade contemporânea, embora seja um traço unário² e atemporal da própria natureza humana e que dada à emergência epidemiológica vigente ganha uma imagem muito próxima a pintura de Caravaggio. Antes, entretanto de esboçar qualquer pretensão analítica do momento, faz-se igualmente necessário dar acesso aos significantes do enunciado.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) uma pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença. O termo é utilizado quando uma epidemia - grande surto que afeta uma região - se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. (OPAS, Brasil. 2020, disponível em: www.paho.org/bra).

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE

A palavra pandemia também guarda suas origens na cultura grega cujo significante nos remete a idéia de uma irrupção “por todo o povo”. Do ponto de vista gramatical, opera como substantivo feminino, sendo uma enfermidade epidêmica amplamente disseminada. (SARAIVA. 2010.p.572.)

Já o termo incauto, advém do latim “incautos” e significa aquele que é desprovido de cautela, precaução, cuidado; desprevenido, imprudente, cujas ações operam sobre o registro da incredulidade. Gramaticalmente nos serve como adjetivo, ou seja, aquilo que oferece qualidade na oração. Lamentavelmente tendo em vista os dados da realidade acerca da referida pandemia não oferecem condições para o uso de qualidades digamos positivas para as observações apresentadas. (SARAIVA. 2010.p.572.)

2- Instrumento da identificação do sujeito que tem plena relação com a estrutura do simbólico. Ele “é o rosto sem véu do Einziger Zug da identificação”, aponta Lacan, em referência ao termo usado por Freud para qualificar um tipo de identificação. (LACAN, 1961–1962a, inédito).

Tendo sido feitas as considerações preambulares, que fazem entender a ligação da arte e da cultura não somente com o título desse pequeno compêndio de reflexões, mas também, com a realidade em que estamos inseridos em nosso país, estados e municípios, faz-se de igual forma relevante resgatar o fenômeno epidemiológico que já marca a história desse século.

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu um alerta a respeito de casos de pneumonia ocorrendo na cidade Wuhan, na China. Em 7 de Fevereiro de 2020, identificou-se o vírus causador da doença, uma nova cepa de coronavírus. Esse vírus foi chamado inicialmente de 2019-nCoV e, posteriormente, nomeado de SARS-CoV-2. (OPAS, Brasil. 2020. disponível em: www.paho.org/bra).

A doença provocada pelo SARS-CoV-2 ficou conhecida como COVID-19 e, rapidamente, tornou-se um problema de saúde pública mundial. Espalhando-se rapidamente, atingiu todos os continentes ainda nos primeiros meses de 2020. No dia 11 de março, a COVID-19 foi caracterizada como uma pandemia pela OMS. (Ibidem).

Para conter o avanço da doença pelo mundo, várias cidades suspenderam eventos e aulas, além de fechar suas fronteiras. A quarentena foi adotada inicialmente em locais da China e Itália a fim de evitar que o número de casos aumentasse ainda mais. No Brasil, até 17 de março de 2020, apenas medidas de distanciamento social tinham sido adotadas para prevenir que a doença avançasse pelo território.

Após meses de uma ampla devastação provocada pelo agente patógeno em questão que tem na pessoa humana seu fiel hospedeiro e diversas medidas legais e epidemiológicas adotadas no mundo e a reboque com todas as controvérsias político-ideológicas ainda em curso em nosso país, houve um cenário de distanciamento social que na melhor das hipóteses demonstradas empiricamente, mas, sobretudo, em dados paira em média a algo em torno de 50 % de redução de mobilidade humana não somente nas capitais e grandes conurbações urbanas, mas também nas menores cidades do interior.

Nesse período o vocabulário ganha novas expressões, tais como: quarentena, distanciamento social e isolamento social, *lockdown*, mergulhados em um ambiente

extremamente confuso e dicotômico e atualmente acéfalo do ponto de vista das autoridades sanitárias e titulares no campo da gestão de saúde pública no Brasil.

Este artigo não tem pretensão discorrer pelo espectro politiqueiro do país, até porque a utilização da expressão que nomeia esse documento tal como José Saramago quando entrevistado pelo repórter Ednei Silvestre de sua residência isolada na ilha da Madeira, na costa de Portugal (2007) quando questionado sobre sua opinião acerca da política no Brasil, foi categórico como bom observador dos fenômenos humanos de que “*No Brasil não existem partidos políticos, mas sim grupos de interesses*”, de forma que ser incrédulo politicamente nesse momento parece uma saída mais saudável para a manutenção de uma vida psíquica livre e não tutelada a alienações partidárias. Quanto ao ilustre citado escritor lusitano e ganhador do premio Nobel da Paz de literatura, será de grande valia mais a frente. (SILVESTRE, Ednei. 2007).

É fundamental destacar que pelo olhar da psicologia de massas, não há registros de uma nação liderada com tamanha incredulidade sobre as evidências científicas, que tenha tido reflexos sobre a indução de comportamentos identificatórios na população e consequentemente aumento da prevalência das infecções comunitárias em todo território nacional. Igualmente não há registros de fissura nas relações entre órgãos superiores de saúde no país e seu presidente como no Brasil. Em grande parte das nações há um alinhamento entre os poderes legalmente constituídos em prol da proteção do povo em tempos de pandemia.

O objetivo desta ligeira digressão não é a de criar um registro de certas lideranças dos incautos no país e nem tão pouco entrar nessa seara onde encontra-se a varejo e atacado, oportunismo partidário sem distinção de cores e bandeiras que se alimentam ao longo de décadas da miséria afetiva e cultural de um povo que carrega consigo o assujeitamento de fundação histórica cujos resultantes distorcem a real finalidade da política como um bem comum e não reduzido a hordas de natureza sociopática que povoam poderes previstos na Constituição e que se pretende pelo menos em tese a criar condições para o exercício da democracia no Brasil.

Afora todos os aspectos possíveis para o momento aquele que parece mais nefasto é que chama-se de alienação político parental do povo brasileiro. Como nas disputas litigiosas de guarda dos filhos, quando os desfeitos casais se propõem aos

caminhos da desrazão, observa-se o mesmo fenômeno destinado aos filhos da pátria que seriam melhor conduzidos nesse momento sem o supracitado oportunismo ideológico erguidos sobre os pressupostos ora um certo nacionalismo, ora a luta de classes, marcas de um antagonismo que no momento de tamanha letalidade soa como desprezível e um desserviço a nação.

DADOS EPIDEMIOLÓGICOS

É fundamental ressaltar que a referida pandemia dos incautos ganha substrato quando apresentados dados epidemiológicos e que revelam os determinantes sociais para a vascularização viral crescente a cada dia e que faz do Brasil não só o epicentro da pandemia no continente, mas também por revelar o melhor e o pior do ser humano, conforme projeção destacada pela Revista Veja Saúde (2020), cujos dados já são evidenciados em nosso cotidiano:

“Se as políticas públicas de prevenção e a adesão às máscaras de agora se mantiverem as mesmas no mundo como um todo, poderemos chegar a 2,8 milhões de mortos pela Covid-19 no final de dezembro de 2020. Mas, se os governos relaxarem demais as políticas de distanciamento social, as vítimas fatais do coronavírus (Sars-CoV-2) podem subir para 3,9 milhões. Estamos falando de números preocupantes: no dia 11 de setembro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) registrou 905 mil óbitos confirmados pela doença esse ano. Ou seja, de agora até o fim de dezembro, o planeta apresentaria um crescimento nas mortes muito superior ao visto desde o começo da pandemia. A projeção é do Instituto de Métricas e Avaliação da Saúde da Universidade de Washington (IHME), nos Estados Unidos. No melhor cenário, eles calculam 2 milhões de vidas perdidas. Isso se o uso de máscaras se tornar praticamente universal e regras de isolamento forem adotadas assim que a taxa de mortalidade diária de um país superar 8 pessoas por milhão. Ao adotar essas estratégias, salvaríamos mais de 750 mil vidas até o fim de 2020. A análise considera dados globais, inclusive os do Brasil. Aqui, se comportamentos e leis seguirem como estão, o modelo aponta 175 mil mortes de janeiro até 31 de dezembro — ou 177 mil se a flexibilização se ampliar. Por outro lado, adotar estratégias de mitigação mais rígida e a utilização maciça das máscaras pouparia 16 mil vidas no nosso território.” (REVISTA Veja Saúde. 2020. disponível em: www.saude.abril.com.br/ atuallizado em 11 Set 2020 10h15- Publicado em 11 Set 202).

A DÚVIDA DE TOMÉ

É fundamental destacar que os dados anteriormente apontados não são estanques e crescem de forma vertiginosa a cada dia. Isso remete a questão ilustrada na passagem da “Dúvida de Tomé”. Afinal, como com mais de um milhão de pessoas infectadas e letalidade se aproximando dos 100.000 mortos às taxas de distanciamento social hoje estão em queda livre? Nesse momento, parece então de grande valia resgatar o “paradigma de São Tomé”, cuja representação social é identificada historicamente com a expressão “ver para crer”. Vê-se que a partir da ressurreição de Jesus, no primeiro dia da semana, começa a ser estabelecido o domingo. Não é dito que os discípulos não se reuniam em outros dias.

Mas esse primeiro domingo após a Páscoa se destaca como uma reunião especial dos discípulos. E novamente, assim como havia feito na semana anterior, Jesus aparece aos seus discípulos. Mais uma vez, ele lhes anuncia paz e salvação, e desta vez também anuncia a Tomé. Em seguida, Jesus se volta especialmente para esse discípulo e diz a ele: “Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; coloca a mão também aqui no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente” (MARTINS, Simone.2017. disponível em: www.historiadasartes.com).

De acordo com a autora, diante da situação, Jesus tem uma palavra conclusiva para Tomé: “Porque me viste, creste”. Não é necessariamente uma acusação. Mesmo que Tomé tenha chegado à fé sem precisar tocar, ainda assim teve a necessidade de ver Jesus antes que pudesse crer.

Jesus ainda acrescenta uma palavra muito decisiva: “Bem-aventurados os que não viram e creram”. Essa afirmação não anula o fato de que a proclamação fundamental e válida para todos os tempos ainda assim precisou de testemunhas oculares. (*Ibidem.*)

Observando o comportamento da sociedade hoje pode-se concluir de forma totalmente atemporal e alinear que parte significativa das pessoas vêm, mesmo que sem a devida consciência, se comportando com base no pressuposto acima apresentado. Seja no início da pandemia ou agora, constata-se com isso uma exposição ao risco sem precedentes na história recente.

Diante de uma ameaça cujo agente patógeno não tem até o momento um tratamento assertivo ou vacina, vê-se expectadores de milhares de pessoas que ignoram todas as orientações sanitárias, independente se tiveram ou não contato com o vírus tendo comportamentos que demonstram certa distopia em relação à realidade debaixo do próprio nariz. É como se essa realidade ainda estivesse muito distante das vivências pessoais. Aquilo que só acontece com o outro, quando na verdade ninguém passa verdadeiramente incólume por essa experiência. Lamentavelmente a conta em algum momento chega com sintomas e um resultado positivo para Covid 19 e contaminações na família e comunidade. O “ver para crer” é como todo extremo muito perigoso e a custa dele acumula-se uma elevada taxa de contaminação e letalidade.

Percebe-se igualmente que mesmo em países desenvolvidos, onde a curva de contaminações já está em declínio e com a mínima abertura das atividades econômicas, culturais e de lazer as pessoas têm comportamentos análogos aos atribuídos de forma discriminatória aos países em desenvolvimento como o Brasil, o que indica que a natureza humana é uma força imperiosa sem distinções geográficas.

Do outro lado da moeda, tem-se felizmente uma grande prevalência de pessoas cujo medo fundamental as faz adotar medidas cautelares e sanitárias necessárias ao momento e que estão circunstanciados sobre o estatuto da credulidade, sendo, portanto, delimitados como os “bem-aventurados que não viram e creram”, ou seja, mesmo sem um caso positivo próximo vêm mantendo o distanciamento social e autos cuidados e que são responsáveis por não ter até o momento um ambiente ainda mais devastador no país. A pandemia dos incautos, muito além de um enunciado é um convite à reflexão e acima de tudo um caminho para traçar algumas considerações que tornem inteligíveis as motivações da desrazão ao longo dos últimos meses e em pleno curso no momento. Trazer à tona as operações que ajudem na compreensão do que se pode descortinar sobre a Dúvida de Tomé que habita no ser humano. Para tanto, precisa-se percorrer mesmo que ligeiramente, o fio condutor que apresente o que no comportamento humano pode justificar tal empreitada e respectiva morbidade. Nesse âmbito faz-se necessário entender que o medo, que hoje opera como “status quo” do tecido social guarda diferentes formas de manifestação totalmente subjetivas e que guardam uma estreita relação com o funcionamento do aparelho psíquico.

APARELHO PSÍQUICO

O aparelho psíquico, ou somente *psique*, é o nome dado ao método estrutural proposto por Sigmund Freud (1856-1939). Primeiramente foi dividido em inconsciente, pré-consciente e consciente, o que posteriormente foi modificado e dividido em três elementos que unidos trabalham nas ações e reações, o Id, Ego e Superego. (PSICANÁLISE CLÍNICA, 2017, disponível em: www.psicanaliseclinica.com).

Ao longo da vida, o ser humano está em constante esforço para proteger o ego das forças destrutivas e intoleráveis socialmente do Id e de uma censura às vezes inquisitória do Superego. Essas instâncias do psiquismo e suas respectivas ações na vida mental são à base do conflito psíquico cujo marco de maior relevância se dá durante a fase do desenvolvimento psicossexual denominada por Freud como “Complexo de Édipo” em alusão ao mito grego de Édipo Rei que se apaixona sem saber por sua própria mãe. (Ibidem)

Na vida essa trama se repete e entre o desejo incestuoso pela mãe e o amor narcísico pelo pênis, o menino escolhe o pênis frente ao fantasma de uma possível castração e desta nasce à interdição que da forma a uma consciência moral que será chamada por Freud de Superego. Por essa razão no campo psicanalítico costuma se afirmar que o Superego é o herdeiro do Complexo de Édipo. (NASIO, Juan David. 1997).

Deixar-se-á qualquer aprofundamento sobre os conceitos de narcisismo e castração para outro momento. O objetivo de apresentar brevemente as questões acima se deve a necessidade de discorrer com algum substrato sobre as defesas do ego frente a ameaças de sobrevivência da vida psíquica.

Fala-se exatamente dos mecanismos de defesa psíquica, que são as estratégias egóicas, de forma inconsciente, para proteger o EU contra o que ele considera uma ameaça. São, também, os diversos tipos de processos psíquicos, cuja finalidade é afastar o evento que gera sofrimento, da percepção consciente. Além disso, eles são mobilizados diante de um sinal de perigo e desencadeados para impedir a vivência de fatos dolorosos, que o sujeito não está preparado para suportar. Tem-se então um arsenal de mecanismos para proteção do EU. Todavia trabalhar-se-á com aquele que

ajudará a entender e revelar o que da motricidade a pandemia dos incautos que assola a história recente. Um mecanismo que tem a capacidade de alterar e/ou distorcer as percepções sobre o mundo e que guarda relação muito estreita com o perfil epidemiológico atualizado a cada dia pelos municípios, estados e união.

Em face do exposto, passa-se então a apresentar o mecanismo da negação (*verneunung*, do idioma alemão), na condição de saída inconsciente para aquilo, cuja vida consciente pode provocar o contato com processos dolorosos da ordem da insuportabilidade. (LAPLANCHE e PONTALIS. 1998.p.77)

É um mecanismo de defesa que consiste em negar a realidade exterior e a substituir por outra realidade fictícia. Portanto, ela tem a capacidade de negar partes da realidade desagradável e indesejável, pela fantasia de satisfação dos desejos ou pelo comportamento.

Segundo o Vocabulário de Psicanálise, Laplanche & Pontalis (1998.p.77):

“A negação ou (de) negação é um processo pelo qual o individuo, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença, recusa da percepção de um fato que se impõe no mundo.”

Precisa-se da negação para a sobrevivência psíquica em situações trágicas, sem ela quem perde o ente amado só pensa em morrer junto, de saudades, se sente sem forças para continuar vivendo. Na hora da dor maior, que não cabe dentro do peito, palavras podem não ser suficientes, rationalizações não tem guarida, tentativas de consolo são inúteis e podem até magoar mais. A sensação de irrealdade, de que a perda não aconteceu, pode ser o único alívio para quem sobrevive, na pior hora, quando a realidade é esmagadora demais.

Existem outras formas de negação, no entanto, que são temerárias. O ser humano é movido pelo “princípio do prazer” e este também mobiliza, para a realização de desejos, doses variáveis de negação dos possíveis riscos. Correr demais de carro por pressa ou diversão, beber antes de dirigir porque não haverá barreira na estrada, fazer sexo casual e sem camisinha, expor a si ou a outrem a riscos para ganhar dinheiro, são exemplos praticados por muitos, diariamente.

Além dos comportamentos de risco individuais, também há os coletivos. Sociedades inteiras negam a violência implícita na desigualdade social, como se fosse possível haver paz na negligência; países negam os riscos da mudança climática que já está em curso, como se fosse possível deixar para enfrentar o problema depois.

Não é preciso ser um discípulo freudiano para reconhecer que um mecanismo de defesa inconsciente, natural e necessário para sobrevivência à dor que dilacera a alma, é ao mesmo tempo um dos fatores envolvidos na gênese de tragédias, quando associado ao princípio do prazer. Para a diversão despreza-se os riscos, pessoais ou de outrem.

Não obstante a isso, mas complexo é assumir responsabilidades, por negligência coletiva e já enraizada na cultura de formação, o ser humano fica tão envolvido que começa a fazer parte da grande negação coletiva dos riscos em tantos lugares, de tantas formas, a que expõe a si mesmo e aos outros diariamente. Tão cruel quanto à dor por cada vida perdida nessa tragédia, será a dor a posteriori pelas mortes e que serão a herança de uma pandemia dos incautos.

No que se refere à alta taxa de óbitos no Brasil, a negação e até certa banalização da morte remete a idéia de que reconhecer a finitude do outro, significa igualmente reconhecer a própria finitude, uma vez que manter essa consciência é uma vivencia extremamente dolorosa da qual não dá-se conta e o caminho da negação por economia psíquica serve adequadamente nesse momento.

Se a vida psíquica é movida pela necessidade de satisfação do ego em um equilíbrio de forças entre o que é intolerável e o que deve ser interditado, torna-se necessário, desta feita adentrar pelos caminhos pulsionais muito além do princípio do prazer e da realidade, porém importante significar nesse momento para melhor compreensão do leitor. Segundo Laplanche & Pontalis (1998.p.88):

“Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução.”

A partir da leitura de Zimerman (2007.p.325), comprehende-se que o princípio do prazer descrito por Freud :

“Dirige toda a ação psíquica e orgânica, com a intenção de atingir um prazer idealizado, ignorando ou mesmo evitando as frustrações. Já o princípio da realidade se manifesta a partir da adaptação sociocultural e da formação dos conceitos morais e éticos, ou seja, o indivíduo passa a entender o funcionamento da descarga pulsional e, com isso, a respeitar os limites impostos, controlando a maneira como se comporta.”

Sabe-se que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Este último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminhar para o prazer (Laplanche e Pontalis, 1998.p.88)

É relevante destacar que o princípio do prazer visa o esvaziamento das tensões mediante o alcance da satisfação. O princípio seria uma força de auto preservação, porém, sem a ação do princípio da realidade guarda consigo uma séria ameaça à existência, pois em busca desse prazer, pode esvaziar de tal forma e sucumbir, como se observa em diversos comportamentos de risco, tal como vem ocorrendo com a negação da pandemia e a adoção de condutas destrutivas do ponto de vista individual e coletivo, como por exemplo a desobediência ao distanciamento social mesmo quando obrigatório, o desuso das máscaras, higiene pessoal e retomada das aglomerações sociais.

Percebe-se então que a vida psíquica é constantemente permeada pelo conflito entre império dos desejos e a realidade em que habita a censura como freio moral de uma sociedade. Isso se deve a existência de uma força ou energia libidinal localizada entre o psíquico e o somático denominada pulsão, conforme descrição abaixo:

“ Um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam no corpo - dentro do organismo - e alcança a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (MOURA, Joviane.2008.p.865).

Em Escritos Lacan (1998) diz que:

“A pulsão, tal como é construída por Freud a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psicologizante esse recurso ao instinto com ele mascara sua ignorância, através de uma suposição de uma moral na natureza.” (MOURA, Joviane.2008. p.865, apud LACAN,1998).

De acordo com Laplanche & Pontalis (1998.p.88) a pulsão é um:

“Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade), que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional: e no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta”.

Entretanto no que se refere ao escopo desse estudo, faz-se igualmente oportuno nesse momento destacar entre as diversas manifestações pulsionais descritas na literatura de natureza psicanalítica aquelas que se encontram justamente em voga na supracitada pandemia dos incautos.

Fala-se aqui da pulsão de vida e pulsão de morte, cujo embate na vida psíquica guarda estreita relação com atitudes de autopreservação, porém também de forças destrutivas da existência individual e coletiva da vida humana, com isso, surge o confrontamento entre a pulsão de vida, *Eros* e a pulsão de morte, *Thanatos*, em alusão a

mitologia grega. (PSICANÁLISE CLÍNICA, 2017, disponível em: www.psicanaliseclinica.com).

A pulsão de vida dentro da Psicanálise fala a respeito da conservação de unidades e dessa tendência. Basicamente, se trata de preservar a vida e existência de um organismo vivo. Assim, se cria movimentos e mecanismos que ajudem a mover alguém em escolhas que priorizem sua segurança. Em suma, a pulsão de vida almeja estabelecer e manusear formas de organização que ajudem a proteger a vida. Trata-se de ter uma atitude positiva, de modo que direcione o ser humano à preservação. Uma boa demonstração da pulsão de vida em tempos de pandemia é o respeito ao distanciamento social, uso de máscaras e adoção de práticas regulares de higiene pessoal, que indicam ações de auto conservação da vida em amplo espectro.

A pulsão de morte indica a redução por completo das atividades de um ser vivo. É como se a tensão se reduzisse ao ponto de que uma criatura viva atinja o estado inanimado e inorgânico. A meta é fazer o caminho inverso ao crescimento, levando à forma mais primitiva de existência.

Em seus estudos, Freud abraçou o termo utilizado pela psicanalista Bárbara Low, o “Princípio de Nirvana” (1920). De forma simples, esse princípio trabalha a redução exponencial de qualquer excitação presente em um indivíduo. No budismo, o Nirvana conceitualiza “a extinção do desejo humano”, de maneira a alcançar a quietude e felicidade perfeita, cuja representação mais conhecida é denominada de “tensão zero”. (PSICANÁLISE CLÍNICA, 2017, disponível em: www.psicanaliseclinica.com).

A pulsão de morte revela percursos para que um ser vivo caminhe em direção ao seu fim sem interferência externa. Dessa maneira, retorna ao seu estágio inorgânico do seu próprio modo. De forma poeticamente fúnebre, o que sobra é o desejo de cada um morrer ao seu próprio modo em sua vida inconsciente, o que, por exemplo, pode ajudar a entender porque metade da população brasileira não vem seguindo as orientações sanitárias e mesmo parâmetros legais determinados pelos entes federados, tendo como

resultado quase dois milhões de pessoas infectadas e uma taxa de letalidade de aproximadamente 5% das pessoas com resultado positivo para Covid 19.

A pulsão de morte está presente em diversos contextos e comportamentos que compõem do ponto de vista antropológico o processo civilizatório até então. Pode-se ilustrar esse conceito, por exemplo, com o uso de álcool x direção e o tabagismo, entre outras condutas transgressoras, logo que mesmo com amplas campanhas de prevenção e a grande magnitude dos agravos decorrentes dessas ações, observa-se que as pessoas mesmo após incidentes mantém o padrão de comportamento, sendo a violência no trânsito associada ao consumo de bebida alcoólica e tabagismo e suas consequências mórbidas figuram entre as maiores causas de óbitos no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande questão que paira sobre a pandemia dos incautos é que esses operam como agentes de contaminação comunitária. Fato agravado em função de que segundo a Organização Mundial de Saúde, cerca de 40% das pessoas que entram em contato com o vírus serão assintomáticos. A guisa do uso de substâncias psicoativas, que são todas as substâncias que alteram os estados de consciência, as suas consequências diretas em geral são para o usuário. Diferente do contexto pandêmico onde cada pessoa pode contaminar pelo menos outras 06 (seis) pessoas segundo dados do Ministério da Saúde (2020), e as repercussões das escolhas podem ter impactos em toda sociedade, conforme atestam os estudos epidemiológicos em curso.

Essa derivação sobre as escolhas, campo fértil da política de redução de danos e riscos, remete a inserir aqui o pressuposto da liberdade e seus resultantes, afinal toda escolha tem uma consequência para vida do indivíduo e sua rede social. Nesse sentido o existencialismo filosófico, cuja referência nesse momento foi trabalhada pelo filósofo francês Jean Paul Sartre (1905- 1980) se refere à existência de uma liberdade que deve ser vivida com responsabilidade.

Para tanto lança mão do conceito de projeto, na condição de uma organização de vida baseada no alcance de realizações pessoais sem interferir ou causar prejuizos às pessoas que nos cercam. Quando para a realização desse projeto, ultrapassam-se limites de contato com o outro, causando danos colaterais, viola-se o espaço das pessoas e, portanto totalmente a disposição do princípio do prazer, que desqualifica a alteridade do outro. (PENHA, João. 1996)

De acordo com Sartre, o homem está condenado a ser livre e isso o torna o único responsável por suas escolhas. Assim, a humanidade está fadada à liberdade. Isso porque, mesmo nas condições mais adversas, segundo Sartre, o sujeito pode escolher como se comportar e encarar as situações, tudo porque há uma consciência humana. (Ibidem)

Laura Aidar (2017), diz que mesmo quando a pessoa decide "não tomar uma atitude" há também uma escolha, contexto onde reside o pensamento fenomenológico de Edmund Husserl (1859- 1938) sobre intencionalidade, afinal nesse âmbito toda consciência é intencional para algo, alguém ou alguma coisa, o que na psicanálise é chamado de determinismo psíquico, ou seja, nada é por acaso, mesmo que as motivações não estejam acessíveis a própria consciência. A autora acrescenta ainda uma frase bastante associada a Sartre que diz "o inferno são outros", e exibe a concepção de que, mesmo que o ser humano seja livre para determinar sua própria vida, esbarra com as escolhas e projetos de outras pessoas. Esse recorte faz convite a seguinte reflexão: Em um momento sem precedentes na história da humanidade, onde um organismo primitivo toma o ser humano como hospedeiro, o que se está fazendo com a própria liberdade?

Nesse emaranhado de palavras, que se assemelha com o ofício de tecer uma colcha de retalhos, embora aqui de reflexões, somente podem-se ter uma compreensão do todo à medida que se aproxima da conclusão do artífice trabalho de soerguer um caminho para compreensão dos fenômenos humanos em constante movimento. Para tal, recupera-se aqui o trabalho do escritor José Saramago (2010), em seu livro *Ensaio Sobre a Cegueira*, onde a humanidade se vê abruptamente acometida por uma epidemia da perda da visão, a qual o autor chama de "treva branca", enredo que muito se assemelha com a contemporaneidade da pandemia de coronavírus no mundo. A obra em questão apresenta as vicissitudes humanas quando expostas a uma condição limite e suas consequências para vida. Saramago convoca a criticidade sobre o que está diante dos olhos, mas ainda assim não é visto, conforme trecho do livro:

"Por que foi que cegamos, Não sei talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem". (SARAMAGO, José. 2010)

A pandemia dos incautos então revela que na verdade o homem está cego pela negação. Não consegue abrir mão do princípio do prazer, fato já plenamente constatado mediante a reabertura do setor de lazer e a frágil crença da impossibilidade de reinfeção, que tal como na obra literária impede de ver que não suporta-se a privação de liberdade e acaba-se por dar vazão ao traço psicopático e, portanto transgressor que

habita no ser. Desta feita fica-se inexoravelmente sobre os domínios da pulsão de morte que vem cobrando seu ônus mediante a perda de inomináveis vidas, totalmente evitáveis se as escolhas respeitassem a existência do outro.

A tarefa que essas linhas conclamam é a de resgatar o princípio ora perdido da realidade e subverter a lógica da necropolítica pela pulsão de vida cujo objetivo é a auto preservação da existência. Que possa-se deixar o lugar da cegueira e da incredulidade. Que possa-se superar a pandemia dos incertos e passar a uma pandemia de lucidez e serenidade para seguir a grande jornada com respeito ao outo e amor no coração.

REFERÊNCIAS

ALDAIR. Laura. **Jean-Paul Sartre e o existencialismo.** Disponível em <https://www.culturagenial.com/sartre-existencialismo/>. Acesso em 15 Set 2020.

DAVID E. ZIMERMAN. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria ,técnica e clinica.** Porto Alegre. 2007. pag 325.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, **Saraiva Jovem**, Editora Saraiva, São Paulo. 2010, pag 572.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.p.77-90.

MARTINS, Simone. **História das Artes,** 2017. Disponível em: <<https://www.historiad dasartes.com/ quem-somos/simone/>>. Acesso em 16 Sep 2020.

MOURA, Joviane. **Introdução ao Conceito de Pulsão.** Psicologado, [S.l.]. (2008). Disponível em <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/introducao-ao-conceito-de-pulsao> . Acesso em 26 Set 2020.

NASIO, Juan David, **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**, Zahar editora, 1997.

OPAS, Brasil. 2020, disponível em: www.paho.org/brasil. Acesso em: 10 Set 2020.

PENHA, João. **O que é existencialismo.** editora brasiliense.1996.

REVISTA VEJA SAÚDE. Disponível em <http://saude.abril.com.br/medicina>. Dados atualizados por Chloé Pinheiro em 11 Set 2020 às 10h15

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**, editora companhia das letras. 1 edição. São Paulo, 2010.

SILVESTRE .Edinei. Youtube (2007, Parte 2), exibido em 23/05/07 no Jornal da Globo. Acesso em: 02 Set 2020.